

Entrevista

Susana Aleixo Lopes Artista plástica micalense expõe pela primeira vez na ilha onde nasceu. Quis partir máscaras sociais, ver além das aparências e convidar outros a fazer o mesmo

‘No One Can Tell’: a busca pela verdade com o ‘Mapa Mental do Inútil’ nas mãos



DIREITOS RESERVADOS

MIGUEL BETTENCOURT MOTA
miguelmota@acorianooriental.pt

‘No One Can Tell’ é o nome da sua mais recente exposição. O que tem este trabalho que ninguém pode reparar ou dizer?

Escolhi o título para esta exposição precisamente por isso, por ter os dois sentidos, o que ninguém diz, como se de um segredo se tratasse e o que ninguém repara, como algo que passa despercebido ou não é partilhado. Quis pegar novamente no conceito que dei à obra ‘Mapa Mental do Inútil’ que concretizei em 2015, a importância centralizada em pensamentos aleatórios e a conclusão da inutilidade deles, e, também, na técnica da mesma que consiste em tecido sobre madeira e vários objetos em latão. Achei que devia dar continuidade a este trabalho e trazê-lo também junto das obras mais recentes, fazia todo o sentido...

...O que busca a exposição?

A exposição é uma busca pela verdade que está por detrás daquilo que realmente somos, daquilo que na realidade mostramos ou não. Levanta questões sobre o conhecimento que temos de nós próprios,

o comportamento em sociedade e a forma como se manifesta. Aborda sobretudo o inconsciente, os pensamentos e as memórias, que são o que compromete o que é por nós pouco revelado, escondido ou exposto. Portanto, No One Can Tell, pode ser uma viagem à mente de quem visita a exposição... Acaba por ser um mistério, como cada um de nós. Isso fascina-me e intriga-me ao mesmo tempo: estas máscaras sociais, aquilo que escondemos e o pouco que revelamos, mas é isso que nos torna únicos. Não tenho qualquer resposta concreta nesta exposição, pretendo simplesmente materializar e fazer pensar sobre essas questões, aproximar o espectador e lembrar ou relembrar o que quer que seja que esteja ainda com ele.

Como sente que tem resultado junto do público?

Acho que a exposição foi e ainda está a ser bem recebida. Até agora conto com a aquisição de uma obra e outras pessoas interessadas. Uma vez que os horários de abertura ao público são limitados, tenho sido contactada para visitar a exposição, o que prova que está num bom caminho. É fantástico saber que existem pessoas in-

teressadas e curiosas para ver o meu trabalho. Nesta exposição a subjetividade é que domina - apesar de todo o meu trabalho abranger um processo autobiográfico - tento ao máximo fazer com que chegue a todos, afinal passamos todos por situações semelhantes.

‘No One Can Tell’ segue-se à exposição individual ‘O Vazio Preenche-se’ que apresentou em Lisboa, no início deste ano. De que forma contrastam e o que podem ter de comum?

O que têm em comum é o estudo interior para a concretização de ambas as exposições. Tal como o material: a madeira. Utilizo-a, não só pelo facto de ser um material nobre, mas por trazer inúmeras possibilidades escultóricas e é, até agora, o que mais identifico comigo e com os meus projetos (talvez por ser um material sempre vivo). Há nas duas exposições o contraste entre o material orgânico e o artificial, entre o natural e o industrial, que são também características da ilha. Gosto de criar essas fronteiras. Na exposição ‘O Vazio Preenche-se’, a madeira era o elemento principal e era visível a sua forma natural. Em No One Can Tell, a madeira continua presente, porém está escondida ou pouco se vê. As obras apresentam a volumetria da matéria que estão limitadas nas formas quadradas que atribuí, tal como o poder que temos em limitar os nossos pensamentos. No entanto, para contrastar com esses limites e formas escondidas, temos a instalação principal em que a madeira é completamente exposta.

O arquipélago tem servido a inspiração, quando ela ameaça esgotar-se?

Não acho que alguma vez me tenha sentido menos inspirada. Menos motivada, talvez. Estou em constante processo criativo, basta-me ter os sentidos bem apurados. Considero-me uma pessoa bastante curiosa e observadora. Acho que se a ilha me inspira a mim e às minhas obras penso que seja algo que já esteja comigo, vinculado no facto de ter nascido e crescido aqui. Não apresento a ilha de forma direta e objetiva nas minhas obras. Mas a insularidade fez de mim uma pessoa muito sensível, e isso é o que me inspira, porque tanto pode ser uma virtude como uma desvantagem. Gosto de sentir saudades de casa e de saber que volto. Há uma diferença enorme no modo de pensar e estar entre a natureza e o stress de uma cidade metropolitana. Aqui sente-se tudo de forma diferente, o tempo parece parar e tudo está mais presente e é isso que me atrai, gosto de cá voltar para absorver esse estado de espírito e começar de novo. Já me habituei muito a esse ciclo.

Esta é a sua primeira exposição individual em São Miguel, ilha onde nasceu. Têm faltado mais oportunidades?

As oportunidades surgem se formos atrás delas. Já foram adquiridas obras minhas para uma coleção de arte de uma empresa açoriana. Posso não ter procurado exaustivamente outras oportunidades aqui porque me tenho focado mais onde estou a viver, mas achei que já era tempo de apresentar na minha terra aquilo que faço. ♦

Exposição de Susana Aleixo Lopes está na Galeria Arco 8 e vai poder ser visitada até ao próximo dia 22 de setembro, entre as 18h00 e as 20h00

Fascinam-me e intrigam-me ao mesmo tempo estas máscaras sociais, aquilo que escondemos e o pouco que revelamos...Mas é isso que nos torna únicos

A insularidade fez de mim uma pessoa muito sensível e isso é o que me inspira, porque tanto pode ser uma virtude com uma desvantagem. Gosto de sentir saudades de casa e de saber que volto